

CONSTRUÇÃO DE SABERES E IDENTIDADES JUVENIS NO HAP

Vicelma Maria de Paula Barbosa Sousa

Universidade Federal do Piauí (UFPI)

vicelma@ibest.com.br

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria do Carmo Alves do Bomfim

Universidade Federal do Piauí (UFPI)

carmicita@ig.com.br

RESUMO

O rap está presente na vida de muitos jovens com palavras, vestuários, linguagens, movimentos do corpo, texto escrito. Com tudo isso, está impregnada de sentidos. Iniciando estudos neste campo da vida das juventudes teresinenses, estudei em 2007/2008 as produções musicais do grupo de rap “Relatos Periféricos”, de Teresina-PI. Objetivando compreender a construção de saberes e identidades juvenis, por meio das mensagens de 04 (quatro) músicas do grupo: “Lentamente a droga te mata”; “Pesadelo comum”; “Pedras no caminho”; “Mentiras Políticas”. O estudo baseou-se nas reflexões de Stuart Hall (2005) sobre identidade cultural na pós-modernidade, Dayrell (2005) a despeito da música como dispositivo que possibilita e potencializa aos jovens reencontrar sentido para suas vidas, como forma de socialização; Diógenes (1998) ao cartografar a cultura juvenil das gangues, galeras e movimento hip hop e outros.

PALAVRAS-CHAVE: Jovens, Rap e Identidades.

Do Lugar ao Não-Lugar

Durante o período de 2007/2008, quando ainda estava cursando Pedagogia na Universidade Federal do Piauí – UFPI, na expectativa de conclusão do curso e com uma exigência a cumprir, o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), comecei a pensar na possibilidade de pesquisar a cultura juvenil teresinense.

No início, muitas dúvidas, muitos temas a escolher! Temas variados, dentro das propostas apresentadas pelos professores orientadores. Lá estava eu, sem interesse nos temas propostos, não por desprezar sua importância, mas, por compreender que poderia estudar outras temáticas na época não discutida na academia, por exemplo, sobre as

juventudes e suas práticas. Porém, não era qualquer juventude e nem qualquer prática – era a juventude hip hop – especificamente os rappers¹ com suas produções musicais. Mais precisamente do grupo “Relatos Periféricos”, da cidade de Teresina-PI. Aqueles que a escola e a universidade, silenciam e estigmatizam. Chegava a pensar: será a universidade e a escola o *não-lugar* para falar neles/deles, de suas práticas e saberes? Essa foi a pergunta motora inicial, que me moveu e fez deslocar para este campo de estudo.

Convidei o poeta Manoel de Barros, a pensar essa minha inquietude, quando diz: “As coisas não querem ser vistas por pessoas razoáveis”. Logo pensei! Fantástico Manoel, os jovens do hip hop – os rappers – ultrapassam a razão de ser jovem: pobre, negro e da periferia! Daí, pensá-los e encontrar sentido e significados nas suas práticas é algo, que transcende o pensamento racional, e cartesiano da Academia. Pois, aqueles jovens são para além das quatro paredes da sala de aula e dos muros altos da escola! Os saberes que eles constroem nas suas vivências em grupos/galeras/gangues e guetos não interessam à escola e/ou a universidade? Será, por que os saberes e as verdades únicas têm um espaço e tempo – um lugar – o(s) qual(ais) não são os mesmos produzidos por esses jovens nos espaços/tempos de vivência na periferia?

Em relação às produções musicais dos jovens rappers pesquisados, podemos dizer que seus raps configuram-se em rimas próprias do seu cotidiano na periferia. Então, algo chama(va) minha atenção: como, diante de (des)ordem, caos, violência, pobreza, estereótipos, drogas, sofrimento, destruição, entra(va) em cena o RAP², uma criação e invenção juvenil?

O rap é um dos três elementos (break, rap e grafite) que compõem a cultura Hip Hop, a qual de forma literal traduz saltar (hip) e, mexendo os quadris (hop). De acordo com os estudos de Diógenes (1998, p.122), o rap caracteriza-se pelo enfoque político que é dado nas letras e o número reduzido de batidas por minuto (BPM).³ Penso que, a

¹ Jovens produtores de um estilo musical – RAP – sendo este um dos quatro elementos do movimento hip hop.

² *Rhitym and Poetry - ritmo e poesia.*

³ Ainda de acordo com Diógenes, o rap surgiu nos bairros pobres da Jamaica a partir do improvisado de poemas falados em cima de trechos de antigas músicas negras e logo foi transportado para as favelas dos Estados Unidos onde se desenvolveu como alternativa de diversão para os garotos e garotas pobres que não podiam pagar entrada nos clubes da sociedade.

prática da produção musical – o rap – faz parte de uma “estética da existência” no dizer de Revel (2005), quando interpreta a estética foucaultiana. Uma produção inventada pelos próprios sujeitos rappers, composta pelos jovens pobres e estigmatizados, denotando um gesto eminentemente político desses sujeitos.

Mais uma vez, convido o poeta a falar de como nasce a poesia, já que o rap – é poesia e ritmo - feita na periferia: “A poesia nasce do não existir”! Portanto, esses jovens fazem rap, rimam seu cotidiano, porque eles não existem em muitos “lugares” instituídos, não se fala deles/neles, das suas práticas como sendo elas carregadas de saberes outros, linguagem outra, que atravessam e ajudam a construir suas múltiplas identidades de ser jovem! Assim, burlam e procuram formas de escapar às regras impostas, de escapar das “caixinhas” que a sociedade cartesiana tenta enquadrá-los. Escapam de forma peculiar, nesse caso, por meio do rap, que dá possibilidades de visibilidade e dizibilidade. O rap se apresenta como forma de comunicação, como válvula de escape, como estilo próprio. Fazer rap, para esses jovens, é uma forma de vida, que ao mesmo tempo, anuncia, denuncia, protesta e informa. É um instrumento de ação, de atitude, que não se resume a apenas um elemento da cultura hip hop composto em conjunto com o grafite e o break, mas uma expressão de sentimentos, traduzindo mensagens, seja através do corpo-dança (break) ou dos contornos coloridos que dão forma e cor à ‘pele’ urbana das cidades (grafite).

Destarte, os jovens recriam formas de expressão própria de seus saberes constituinte de suas múltiplas identidades, citando nesse trabalho apenas o rap, como uma delas. O objetivo é compreender a construção de saberes e identidades juvenis, a partir das letras de seus raps, como também as várias formas de expressão de sentimentos presentes nas letras analisadas. Baseado nas análises e percepções das mensagens transmitidas, o texto vai ganhando corpo a partir dos fragmentos retirados das 04 (quatro) letras escolhidas: *Lentamente a droga te mata; Pesadelo Comum; Pedras no Caminho e Mentiras Políticas*.

O conceito de *lugar* e *não-lugar* parte de Augé (1994) quando não contrapõe os “lugares” aos “espaços” nem os “lugares” aos “não-lugares”. Para Certeau (AUGÉ, 1994), o espaço é diferente de lugar, refere-se a um “lugar praticado”, “um cruzamento de forças motrizes”, onde quem o define são os passantes que por lá passam e o transformam; já para Augé (1994) o “lugar” tem sentido inscrito e simbolizado. O *lugar*, sendo antropológico, pode ser considerado como o *espaço* certeaudiano. Ao

deslocar esse conceito, para pensar a juventude hip hop (rappers) oriundos de um contexto - da periferia - diferente do contexto da escola e da universidade, quis contrapor, a idéia de um não-lugar (à periferia, os jovens rappers e suas práticas) e trazer a discussão para um lugar (escola e universidade). Essa relação enfoca e aflora alguns questionamentos: Será somente na escola e na universidade, o lugar onde se efetiva a construção de saberes e identidades juvenis? Os jovens nos seus “não-lugares”, não constroem saberes e identidades próprias desse contexto? Por que pouco se fala de suas práticas, nos “lugares”? Ou ainda, por que, quando mencionadas, são vistas de forma pejorativas e estereotipadas? Seriam esses jovens rappers, por estarem no “não-lugar” (a periferia) também “não-pessoas”?

Tais questionamentos, não têm o propósito de serem respondidos nesse texto. Contudo, suscitam reflexões a cerca dos silenciamentos por parte da academia dos saberes e identidades construídas por jovens em outros contextos de convivência.

Periferia é o tema, nosso lema

Um dos desafios vivenciados pelas juventudes na contemporaneidade é a busca por maiores espaços de expressão e afirmação de suas identidades – a visibilidade das suas mais variadas formas de expressão. A história contemporânea aponta e chama nossa atenção, por exemplo, para lembrarmos, que não existe uma juventude única – mas, juventudes - e que múltiplos são os aspectos e/ou contextos, que as diferenciam. Velho (2006, p. 192) contribui com a questão, dizendo que “colocar o termo juventudes, no plural expressa a posição de que é necessário qualificá-la, percebendo-a como uma categoria complexa e heterogênea, na busca de evitar simplificações e esquematismo”.

Nesse caso, as juventudes abordadas são os rappers e uma das formas de expressividade deles, é o rap, o qual representa uma das variadas formas de expressão e criação juvenil, que tem como cenário principal, para protagonizar: *a periferia*. A nomenclatura: rappers da periferia, não assumindo meramente um sentido geográfico, mas para além, Novaes (2006) diz que se trata da nomeação de uma identidade construída nos últimos anos e que tem efeitos nos estilos, estéticas, vínculos sociais e laços afetivos das trajetórias de uma parcela dos jovens de hoje. Este lugar, atravessado de sentidos e carregados de significados para os jovens que lá habitam e/ou são habitados por ele, traduzem sua realidade de maneira criativa, nas rimas de seu rap.

Um questionamento a pensar, pode ser: Quem são esses jovens que (re)criaram um sentido novo para a “periferia”? São jovens indefinidos pelas múltiplas identidades que constroem, através das escolhas que fazem, dos modos de linguagem, vestuários, acessórios (tatuagens, bonés, blusas manga grande, calças grandes e folgadas, etc), formas de se comunicarem?

De acordo com Velho (2006), a construção das identidades é um processo que decorre no tempo, é dinâmico, transforma-se e se dá em múltiplos contextos sócio-culturais e níveis de realidade. Desse modo, os rappers do grupo revelam que constroem suas identidades, nas relações que estabelecem com outros jovens do movimento, com outros jovens que não são do movimento, a partir de suas escolhas pessoais, como na produção musical, ao serem identificados como jovens pobres, da periferia, negros, produtores e consumidores de um estilo de vida – movimento hip hop. *Somos rappers!* (declaração de um dos três integrantes do grupo citado). Em relação à escola, um dos integrantes declarou o seguinte: “o movimento me ensinou e ensina coisas que a escola não me ensinou/a, na escola rola muito preconceito...” Os depoimentos são reveladores de como as culturas juvenis que permeiam a escola, não são visualizadas e quando o são, é feita de forma preconceituosa.

Esses jovens que criam modos de interpretar a periferia como o palco das suas tramas, não cabem num (pre)conceito, estão para além. O rap passa a ser a expressão mais forte de sentimentos e sensibilidades nesse palco, que tem como alvo, vários atores/atrizes protagonizando histórias experienciadas por eles e seus pares.

É notável e torna-se fundamental explicitar que o rap, como os demais elementos (break e grafite) do movimento e/ou cultura hip hop, não se dá de forma homogênea em países, centros urbanos, bairros e grupos, mas têm conotações diferentes, assim como repercussões também diferentes, por divergirem em contextos, abordagens e ênfases. Novaes (2006) ressalta que cada manifestação de rap é um resultado singular do encontro de elementos da cultura local com informações globais. Então, os jovens aqui abordados, são oriundos da zona norte da cidade de Teresina-PI, os quais vêm no rap uma condição de vida, um instrumento de comunicação, mensageiro de mensagens para outros jovens, sobremaneira amigos de infância que se encontram na situação abaixo relatada:

[...] é difícil entender o porquê de nossos manos, chegados, estarem se auto-deflagrando, se acabando no crack [...]. De pedra em pedra, quem vence essa guerra, programada por você que não quis entender, saber

o porquê desse motivo, mas erga a cabeça antes que esqueça que a sua vida tem outra chance, essa situação merece uma revanche, e como merece uma revanche.

(rap Pedras no Caminho)

O trecho apresenta a angústia dos jovens ao verem seus “chegados”, “manos”, imersos no vício do crack, droga com um alto poder de destruição, por ter sido comprovada cientificamente o seu rápido poder de vício. Contudo, a esperança também é um sentimento presente no rap, quando a letra chama a atenção para uma nova chance, uma “revanche”, o que alerta o velho clichê, que ainda tem jeito. Interessante perceber nas letras que a linguagem utilizada não confabula com a lógico-formal, mas, é uma linguagem que se configura no que Pais (2006) chamou de “semiótica de rua”. A linguagem aqui representa um “poder – saber” (o poder aqui na perspectiva foucaultiana a qual destrói, portanto, a idéia de um paradoxo entre esses, mas, vendo-os numa relação indissociável, o poder não como repressivo, contudo, produtivo também de saberes, de lutas, subjetividades e efeitos de verdade) dos jovens, quando os habilitam a se comunicar e entrecruzar teias de relações (sociabilidades) com os mais variados jovens dentro da periferia e fora também. Revel (2005) ao analisar os conceitos essenciais de Michel Foucault, especificamente o *Saber/Saberes* afirma que o saber está essencialmente ligado ao poder. A articulação poder/saber é bem marcante entre os jovens que produzem os raps e os jovens consumidores, portanto, uma relação de mão dupla.

No sentido mesmo de extraírem um saber dos próprios jovens (indivíduo) e sobre outros jovens (coletivo), evidenciando que nessa relação não basta somente analisar a maneira como esses se tornam jovens conscientes (sujeitos de governo), e detentores de conhecimentos (objetos de conhecimento), porém, capazes de produzirem um discurso sobre si mesmo, sobre sua existência, sobre seus afetos, sobre sua sexualidade, sua etnia, suas angústias, seus medos, alegrias, conquistas. Potencializando-os, nas suas trajetórias de vida, onde a tornem objetos de múltiplos saberes, configurando um *biopoder*, como assim denomina Michel Foucault.

A partir do momento que os jovens produzem sentidos e significados para sua vivência em grupos/galeras/gangues/guetos, inventando e criando práticas para entrar em cena, como protagonistas de uma estória própria, esses jovens começam a atrair outros jovens por meio de seus raps, para ouvirem as mensagens que versam na sua maioria sobre as temáticas: drogas, racismo, política.

A periferia para os rappers é a fonte de inspiração (lema/tema), como bem retrata o rap intitulado “Pesadelo Comum”, do qual foi retirado o subtópico em discussão. Ao escreverem as letras musicais, os mesmos revelam que de forma intencional, abordam as temáticas acima citadas, como protesto, denúncia, alerta, aos

muitos outros “caras”, “manos”, “galeras” que vivenciam situações de vulnerabilidades sociais, representada no trecho abaixo:

Escolha você mesmo seu próprio caminho. Decida o que fazer, seu destino quem sabe é você. A droga é um caminho onde só tem a perder. Ela te destrói, te liquida, acaba com sua vida e família[...] quantas pessoas ela já dominou, matou, em várias quebradas, tretas, paradas erradas[...] corpos estirados nas calçadas [...] Lentamente a droga te mata. Acaba com a vida dos manos da quebrada. Lentamente a droga te mata, não se envolva com essa parada errada.

(rap Letamente a droga te mata)

Tendo em vista, as idéias centrais do rap acima citado, percebe-se que mensagens são enviadas aos jovens imersos no consumo das drogas, revelando o quanto essa realidade tem aprisionado muitos deles. Com ênfase maior, o rap ainda sinaliza para os riscos do vício: *“O consumo de drogas é um caminho obscuro, sem futuro, faz alucinação, fantasia, em que você só tem a perder [...]”,* a alerta segue, *para não te deixar dominar pelo vício, saia da lama, o uso de droga não é fama, é melhor não se envolver.* Abordando a problemática das drogas, o rap, carrega em si, o “poder-saber”, que possibilita aos corpos juvenis o acesso a um poder de expressividade, e ainda a noção de poder performativo (Pais, 2006), que explica bem como os jovens (re)criam estratégias para driblar as situações de incertezas, as quais caracterizam-se como as suas trajetórias de vida.

Assim, o rap surgiu como construção juvenil, que traduz um *poder performativo*, citado acima, explicado a partir do deslocamento de dois conceitos de espaços de Deleuze que se contrapõem: “espaço estriado” e “espaço liso”, o primeiro compreendido como revelador da ordem, do controle, o segundo, em contraste com esse, abre-se ao caos, ao nomadismo, ao devir, ao performativo. Convido o primeiro para ilustrar bem o contexto vivenciado por esses jovens, que têm a periferia não apenas como moradia, mas, como um lema de vida capaz de produzir sentidos e significados para o seu cotidiano.

Pais (2006), fala sobre a importância de desvendar as sensibilidades performativas das culturas juvenis, em vez de aprisionar-lhes como modelos prescritivos, com os quais os jovens já não se enquadram e não se identificam mais. Acrescenta exemplificando a cultura hip hop, como uma cultura performativa, considerando seus três elementos principais: o rap (as rimas criativas para cantar a

vida), o break (as performances corporais) e o grafite (o colorido da ‘pele’ urbana). Em relação ao rap, o autor ressalta:

O rap cultiva uma sensibilidade justiceira, ao denunciar situações de injustiças, para anunciar outros futuros. As palavras soletradas são recuperadas de uma semiótica de rua, transgressiva por natureza, palavras encavalitadas em palavrões para melhor insultar, atingir, provocar. Palavras que são voz de consciência, que se vestem de queixumes, que se revestem de revolta. (PAIS, 2006, p.13)

O rap se escreve e inscreve nos corpos juvenis pelas linguagens de resistência. Meneses (2010, p.243) vem chamar a atenção, ao falar em persistência da “violência epistêmica”, para dizer que enquanto for reforçada e repetida na lógica científica moderna tal violência, não haverá ajuda para resolver a violência inscrita nos **corpos juvenis** (grifo meu). Ao produzirem música (rap) os jovens reencontram um sentido por meio do qual buscam a compreensão dos processos sociais, direcionando mensagens ao mais diferentes segmentos da sociedade (alvo principal os jovens e os políticos). Dayrell (2005), desde a década de 50, destaca uma das expressões mais visíveis da cultura juvenil, a música. Também a considera uma narrativa da auto-identidade, não só nas letras quanto na postura no palco, sendo exercício de auto-reflexão, o que marca a concretização do estilo de vida. Na medida em que os jovens se identificam como rappers, eles assumem papéis (constroem identidades) de problematizadores da realidade da periferia, das condições a que estão submetidos e das transições nesse contexto, através da música que cantam, expressão sentimentos carregados de mensagens de consciência para os “caras”, os “manos” da “quebrada”, dos problemas e riscos que são próprios do ser jovem nas sociedades contemporâneas.

É preciso, como os rappers afirmam, contar seus dilemas, o que se passa com eles, denunciar o que ocorre no dia-a-dia, alertar os “manos” do perigo das “quebradas”, essa é a tônica que caracteriza as produções musicais do grupo em foco. Como o próprio nome do grupo propõe, o rap é resultado de relatos das tramas no epicentro da periferia, cravando a suas condições de existência, enquanto jovens no contexto social.

TEMPORALIDADES ZIGUEZAGUEANTES

Ao deslocar esse conceito de Pais (2006), proponho retratar a complexidade e a dicotomia as quais os jovens rappers têm que lidarem para conviverem com os contratempos (tempos/espacos) da vida deles na periferia, no movimento, e no mundo profissional, regido pelo relógio do sistema capitalista, o qual não perdoa e nem se quer pergunta quem são esses jovens fora do contexto do trabalho, fora da produção mercadológica. Dessa maneira, faz sentido pensar nas múltiplas identidades que esses jovens possuem. Com relação à esse processo, Hall (2005) vem dizer que o sujeito pós-moderno se produz nesse cenário, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. Mas, uma identidade que se torna uma espécie de “celebração móvel”, porque se forma e se transforma continuamente numa relação representada e interpelada de acordo com os sistemas culturais que nos rodeiam.

Portanto, as práticas juvenis, são responsáveis por esse processo múltiplo de descontinuidades, desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com as quais, os jovens se identificam – ao menos temporariamente. O que demonstra que eles assumem identidades diferentes em diferentes momentos, pois evidencia que não há uma identidade única, mas identidades contraditórias, que deslocam formas de identificações. O que explica as múltiplas identidades e identificações que os jovens rappers assumem e ganham de acordo com as projeções das suas identidades culturais, dentro do movimento e no mundo do trabalho, tornando-as mais fluídas, provisórias, variáveis e problemáticas. Para esses jovens assumirem-se como rappers, com suas fluídas e contraditórias marcas identitárias, é complexo, o que denota as descontinuidades como emblema presente na vida deles.

Ao expressarem suas subjetividades e valorização dos saberes próprios – constituintes de suas experiências cotidianas e de suas identidades –, evidenciam a auto-estima, a necessidade de afirmação, de visibilidade e dizibilidade no território “onde” vivem e convivem com outros/as jovens.

O presente texto quer mostrar o quanto a expressividade juvenil rapper se desdobra em diferentes identidades nos contextos urbanos. Essa expressividade apresenta-se como sociabilidades que potencializam os jovens a desvendarem suas sensibilidades fora dos contextos instituídos da escola, seus saberes construídos através

de suas práticas inventadas para dar sentido às transições que vivenciam nessa fase. E, demonstra o quanto ela é representativa de suas múltiplas identidades, por exemplo, de assumir ser jovem rap na sua comunidade e, em outros momentos, se ver como um jovem que trabalha numa agência de publicidade da capital, ou ainda, num grande supermercado desempenhando outra função, que exige deles outros saberes, os quais constroem na periferia – local fértil de manifestações vivas das experiências juvenis.

Apesar do acesso às múltiplas identidades pode-se perceber o quanto esse fato provoca rupturas com as vontades de ser rapper. A exemplo, cito um caso que se comprova no depoimento de um dos integrantes do grupo “Relatos Periféricos”: *“não vamos nos apresentar nesse evento, porque o nosso patrão não liberou a gente, temos que cumprir horários e também temos que obedecer, precisamos infelizmente desse trabalho [...] pra eles não importa o que somos lá fora, o que fazemos [...]”*. Isso revela os contratempos da sociedade, os interesses dos fortes que vão de encontro aos dos fracos. Esse depoimento pode ser interpretado pelo pensamento de Pais (2006) quando se refere aos tempos vividos pelos jovens e sua condição social, os quais se configuram num cruzamento de “setas do tempo linear” (no caso, o tempo do trabalho) com o enroscamento do “tempo cíclico” (o tempo do jovem na periferia) desembocando nas *temporalidades ziguezagueantes* e velozes, próprias das descontinuidades e identidades das juventudes.

A trajetória do grupo pesquisado demonstra que os jovens, mesmo em meio aos contratempos, constroem uma forma própria de vivenciar o estilo rap em Teresina, o que dá ao estilo um caráter local. Com isso, deixo o desafio para que outras pesquisas possam abordar essa realidade com múltiplos olhares, onde as idiossincrasias juvenis não precisem ser aprisionadas. Mas visibilizadas e dizibilizadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGÉ, Marc. Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Trad. Maria Lúcia Pereira. São Paulo: Papyrus, 1994.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

DIÓGENES, Glória. Cartografias da Cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento Hip Hop. São Paulo: Annablume, 1998.

HALL, Stuart. A Identidade cultural na pós-modernidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MELUCCI, Alberto. Juventude, Tempo e Movimentos Sociais. Revista Brasileira de Educação. Número especial 05 (mai, jun, jul, ago), (set, out, nov, dez). São Paulo: ANPED, 1997.

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferentes e trajetórias. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de e EUGENIO, Fernanda (orgs.). Culturas Jovens: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

PAIS, José Machado. Culturas juvenis. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividade e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de e EUGENIO, Fernanda (orgs.). Culturas Jovens: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

REVEL, Judith. Foucault: conceitos essenciais. Trad. Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa e MENESES, Maria Paula. (orgs.). Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Rosenverck Estrela. Hip hop e educação popular em São Luís do Maranhão: uma análise da organização do “Quilombo Urbano”. São Luís: Universidade Federal do Maranhão, 2007. (Dissertação, Mestrado)

VELHO, Gilberto. Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de e EUGENIO, Fernanda (orgs.). Culturas Jovens: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.